

PANDEMIA E A REDESCOBERTA DO VALOR DAS RELAÇÕES À LUZ DA CATEGORIA DE ALTERIDADE DE ADOLPHE GESCHÉ

PANDEMIC AND THE REDISCOVERY OF RELATIONSHIPS'S THE VALUE IN THE LIGHT OF ADOLPHE GESCHÉ'S CATEGORY OF ALTERITY

*Wilker Henrique Costa**

Resumo: Dentre tantos contextos complexos da pandemia, o presente artigo a considera como oportunidade de confronto humano com questões existenciais profundas. Neste sentido o estudo apresenta que dentre as questões que emergiram da crise da pandemia verifica-se que o isolamento social fez o ser humano valorizar a dimensão relacional da vida. Assim, o artigo se deterá primeiro em apresentar diversos autores que discorrem sobre a temática do valor das relações humanas suscitada na pandemia. Num segundo momento, a fim de aprofundar o tema num enfoque filosófico teológico, será apresentado a contribuição do teólogo Adolphe Gesché a partir da categoria de alteridade, concebida por ele como constituinte da identidade humana.

Palavras chave: Pandemia. Isolamento social. Relação. Alteridade. Adolphe Gesché.

Abstract: Among the many complex contexts of the pandemic, this article considers it as an opportunity for human confrontation with profound existential questions. In this sense, the study shows that among the questions that emerged from the pandemic crisis, it appears that social isolation made human beings value the relational dimension of life. Therefore, the article will focus first on presenting several authors who discuss the theme of the value of human relations raised in the pandemic. In a second moment, in order to deepen the theme in a theological-philosophical approach, will be presented the contribution of the theologian Adolphe Gesché, based on the category of alterity conceived by him as a constituent of human identity.

Keywords: Pandemic. Social isolation. Relationship. Alterity. Adolphe Gesché.

1. Introdução

Os anos 20 entrarão para a história da humanidade com a crise da pandemia do Coronavírus. Os números alarmantes que, dia a dia, somam milhares de mortes nos deixaram perplexos ao longo de tantos meses. Se não bastasse as vítimas fatais decorrentes das complicações da COVID 19, verifica-se ainda uma crise globalizada. Por crise globalizada deve-se pensar, para além do alcance geográfico, numa dimensão mais ampla dado que a pandemia desencadeou uma crise em setores e categorias diversas. Neste sentido é possível olhar para as consequências da pandemia focando ora na crise sanitária, ora na crise econômica, ora social ou política etc. Fato é que em qualquer uma

* Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: wilkerhenriquec@gmail.com.

dessas dimensões existe um pano de fundo antropológico, pois o sujeito que sente, sofre e tem a capacidade reflexiva de pensá-las é o ser humano. Tal constatação é desenvolvida pelo Papa Francisco em sua encíclica *Fratelli Tutti* ao apontar que a pandemia obrigou o mundo a pensar no ser humano para além de qualquer reducionismo utilitarista:

O mundo avançava implacavelmente para uma economia que, utilizando os progressos tecnológicos, procurava reduzir os “custos humanos”; e alguns pretendiam fazer-nos crer que era suficiente a liberdade de mercado para garantir tudo. Mas, o golpe duro e inesperado desta pandemia fora de controle obrigou, por força, a pensar nos seres humanos, em todos, mais do que nos benefícios de alguns (FRANCISCO, 2020, n.33).

Dessa maneira se torna relevante considerar algumas questões antropológicas suscitadas pela pandemia. Dentro deste cenário, o presente artigo se detém no fenômeno do isolamento social que talvez seja o que mais modificou a rotina das pessoas e conseqüentemente suscitou o confronto consigo. Desde o ano de 2020, quando muitos governos estabeleceram o isolamento social como uma das medidas de combate à proliferação do vírus, verificou-se que a obrigação de “parar” a vida, fez o ser humano pensá-la e justamente pelo fato de se afastar das relações surgiu a possibilidade de redescobrir seu valor e necessidade.

Partindo do exposto acima como premissa, esse artigo tem um *primeiro objetivo* de apresentar como a *pandemia possibilitou a redescoberta do valor das relações* no contexto do isolamento social. Um *segundo objetivo* será aprofundar o valor das relações à luz da *categoria de alteridade de Adolphe Gesché* que tem a contribuição de localizar o tema na importante questão da busca de identidade do ser humano.

2. Pandemia e a redescoberta do valor das relações

A pandemia gerou uma situação nova obrigando as pessoas mudarem seus hábitos. Quem, direta ou indiretamente, não teve sua vida afetada pelas medidas de combate à COVID 19 que exigiam distanciamento ou isolamento social? Dessa maneira o termo isolamento social, assim como quarentena ou distanciamento, tornaram-se comuns no dia-dia dos brasileiros e pessoas de todo o mundo. Neste contexto verifica-se diversas conseqüências. Dentre elas, algumas pessoas foram despertadas acerca de questões existenciais e interpeladas a repensarem seu estilo de vida e a qualidade de suas relações. O Papa Francisco faz essa constatação ao afirmar:

A tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência. (FRANCISCO, 2020, n.33)

Dentre as questões que emergiram nesse tempo nota-se então que a pandemia se tornou uma oportunidade de redescoberta do valor dos relacionamentos. Isso se dá pelo fato do isolamento social ter reconfigurado as formas de relacionamento, fazendo as pessoas sentirem falta de coisas simples antes não valorizadas como visitar um amigo ou familiar por exemplo. Tal redescoberta, possibilita um resgate da categoria de alteridade considerado-a como constituinte da identidade humana conforme será exposto na segunda parte deste artigo.

Nesta perspectiva é possível mencionar diversos artigos e pensadores. O teólogo João Décio Passos, por exemplo, refletindo sobre o que a crise da pandemia revela, é da posição que ela revelou a falácia da ilusão individualista do sistema capitalista e “exigiu olhar para fora, para o outro e para dentro da própria vida, sempre frágil” (PASSOS, 2020, p. 91). Nessa ótica o mesmo autor é realista ao afirmar que a “pandemia não trará, certamente, uma mudança estrutural no regime capitalista global e nem mesmo mudanças na cultura consumista” (PASSOS, 2020, p. 93). Em contrapartida não deixa ser relevante o fato de que

a pandemia cumpriu um papel político-pedagógico inédito e deixou seus recados a quem quiser ouvir: o individualismo produz como resultado a destruição final de tudo; todos precisam de todos para avançar para um futuro viável. (PASSOS, 2020, p. 94)

Outro teólogo que nos ajuda a pensar nos valores dos relacionamentos e da categoria de alteridade resgatados no contexto da pandemia é Cláudio de Oliveira Ribeiro. No artigo intitulado *alteridade, espiritualidade e pandemia* ele busca articular as dimensões de alteridade e espiritualidade tendo como premissa que “a espiritualidade gera espaço de consciência social, alteridade, coexistencialidade e cordialidade, humanização e integração cósmica” (RIBEIRO, 2020, p. 237). Assim, apresentando a posição de que não existe uma autêntica espiritualidade sem alteridade, o autor situa que tal termo tem bases bíblicas mas tem sua origem na filosofia e na antropologia. *Alter* é um termo grego que significa o *diferente*. Dessa forma alteridade diz de uma capacidade de reconhecimento do outro. Autores que aprofundaram tal questão são Emmanuel Levinas e Martin Buber (RIBEIRO, 2020, p. 239).

O mesmo autor aponta que “há relações antropológicas consideradas fundamentais para que se possa afirmar a humanidade” (RIBEIRO, 2020, p. 240). Isso leva ao vislumbamento de cinco encontros que marcam a vida humana de alguma forma. São eles:

(1) o encontro com o outro que lhe é diferente, (2) o encontro do ser humano consigo mesmo, (3) o encontro com o corpo, (4) encontro com a natureza e com a história, e (5) o encontro humano-divino em sua multiformidade. (RIBEIRO, 2020, p. 240)

Desenvolvendo essas dimensões de encontro o mesmo autor mostra ainda que “uma parcela das pessoas, devido ao isolamento social, se sentiu sensibilizada em relação à valorização das relações humanas, da amizade e de visões mais humanizantes e à necessidade de se dar maior atenção aos filhos” (RIBEIRO, 2020, p. 241).

Um último, e não menos importante, apontamento do autor é que a relevância do tema da alteridade pode ser vista ainda no plano da relação das religiões considerando que

A plausibilidade de um dado sistema (religioso ou cultural) se evidenciaria no convívio com o “outro” e não na confrontação apologética, tentando desqualificá-lo. Desta forma, permite-se uma possibilidade criativa de aproximação e de convívio da qual decorrerá melhor compreensão do “outro” que não mais será visto como exótico, como inimigo, como inferior [...]. (RIBEIRO, 2020, p. 239)

Nestas linhas em que apresentamos diversos autores que tratam a pandemia como possibilidade de redescoberta do valor das relações e outros temas relativos como a categoria de alteridade em termos filosóficos ou a conscientização da dimensão de socialização e solidariedade em termos sociais é pertinente ainda apresentar o pensamento do psicanalista Massimo Recalcati em seu texto *a nova fraternidade*. Segundo ele, “o coronavírus nos ensina o valor da solidariedade, expondo-nos à impotência inerme da nossa existência individual” (RECALCATI, 2020). Interessante é perceber que “o paradoxo é que esse ensinamento (do valor da solidariedade) se dá precisamente através do ato necessário de nossa retirada do mundo e dos relacionamentos, de nosso trancar-se em casa” (RECALCATI, 2020). Perceba-se que o desenvolvimento desse pensamento é construído a partir da comparação de outra tragédia histórica que foi o nazismo:

Se os nazistas nos ensinaram a ser livres subtraindo-nos a nossa liberdade e nos obrigando a reconquistá-la, o vírus nos ensina que a

liberdade não pode ser vivida sem o senso da solidariedade e que a liberdade separada da solidariedade é puro arbítrio. Paradoxalmente, ensina isso nos prendendo nas nossas casas, forçando-nos a nos barricar, a não nos tocar, a nos isolar, nos confinando em espaços fechados. Dessa maneira, nos obriga a derrubar nossa ideia superficial de liberdade, mostrando-nos que não é uma propriedade do **Ego**, não exclui o vínculo, mas o supõe. A **liberdade** não é uma manifestação do poder do **Ego**, não é libertação do **Outro**, mas está sempre inscrita em um vínculo. (RECALCATI, 2020, grifos do autor)

Finalmente, depois da exposição desses autores que analisam o tema com diferentes enfoques, é possível entender melhor como a pandemia e o isolamento social, exercendo um papel pedagógico, se tornaram oportunidade para repensar o estilo de vida e neste processo redescobrir o valor das relações.

Concluindo é preciso destacar ainda que tal questão ganha contornos mais profundos se considerarmos que pensar no valor das relações, no fundo, diz respeito à essencial dimensão relacional do ser humano e isso situa nossa reflexão numa dimensão antropológica de capital importância. Tal percepção está muito presente no teólogo Adolphe Gesché na perspectiva de conceber a alteridade como chave interpretativa da identidade humana. Por isso, a proposta a seguir será justamente pensar o valor das relações à luz da categoria de alteridade de Adolphe Gesché.

3. O valor das relações à luz da categoria de Alteridade em Adolphe Gesché

A escolha de pensar o valor das relações à luz do pensamento de Adolphe Gesché sobre a alteridade se dá pela capacidade deste teólogo mostrar a relevância do tema situando a alteridade como “fator constituinte da identidade do ser humano” (GESCHÉ, 2005, p. 49). Neste sentido, a questão a respeito do valor relacional da vida suscitada no contexto do isolamento social ganha contornos muito mais profundos. Diz respeito a algo mais que uma necessidade proveniente da privação. Ou seja: pensar a importância das relações considerando que a alteridade é fator constituinte da identidade do ser humano expressa uma dimensão essencial para que o homem se entenda e construa.

É nesta perspectiva que Adolphe Gesché desenvolve sua reflexão tendo como premissa que o ser humano é um ser que procura entender-se. Segundo ele, a indagação pela identidade não é um empreendimento acadêmico mas existencial. Dessa forma a pergunta pela identidade engloba várias coisas como ciência, a afetividade, a religião, a vida individual e em sociedade e também várias mediações como: “a família, os outros,

as Igrejas, o mundo e a natureza, a ação etc” (GESCHÉ, 2003, p. 13). Assim, no âmbito dessa compreensão existencial, emerge a necessidade de um outro para que o homem se entenda.

[...] O ser humano é por excelência o ser que procura entender-se. Não lhe é suficiente existir. Ele pede contas, quer saber o porquê, procura sua identidade: *quem sou eu* ou *o que sou eu?* _ e procurar sua identidade é sobretudo procurar se entender diante de um outro. [...] Para se entender e se identificar, necessita-se de um face a face, da distância dos dois. (GESCHÉ, 2003, p. 91, grifo do autor).

Ainda nessa linha de apresentar a compreensão da alteridade como constituinte da identidade humana merece atenção a seguinte colocação de Adolphe Gesché:

De onde minha identidade ganha seus contornos? Dela própria, como pensava Descartes, na qual o sujeito se anuncia na sua auto-afirmação? Ou pelo ministério da alteridade, do outro que me provoca a ser: esse tema da alteridade está no centro do debate da identidade, da construção da identidade, porque esta não se acha totalmente dada (como a existência), mas está para ser feita. (GESCHÉ, 2005, p. 45)

Embora, apresentadas as premissas acima, já seja possível perceber como a questão da alteridade é importante no que se refere à identidade humana, faz-se necessário apresentar o caminho no qual Adolphe Gesché levanta o “véu que descobre a benção da alteridade” (GESCHÉ, 2005, p. 55). Para isso, primeiro será apresentado a oposição que nosso autor faz de correntes que concebem negativamente a alteridade colocando-a numa posição de atentatória à autonomia do homem. Depois, esclarecendo uma justa distinção entre alienação e alteridade, será apresentado argumentos do campo bíblico e de exemplos do cotidiano que expressam como a identidade supõe e apela para a alteridade.

3.1. O outro não é o inimigo

No desenvolvimento dessa compreensão antropológica da construção da identidade com referências à alteridade, Adolphe Gesché chama atenção para o equívoco de uma concepção negativa que concebe o outro como inimigo e fonte de alienação da autonomia humana. Para entender tal concepção é preciso apresentar as bases desse pensamento que remetem às filosofias existencialistas caracterizadas como filosofias da autonomia por si próprio.

Para explicitar tais posições de desconfiança, é preciso se deter primeiro em objeções relativas àquilo que compreende-se como alteridade absoluta que é o “outro”

(com *O* maiúsculo), ou seja Deus, o que não deixa de ter ligação direta com a questão da identidade do ser humano conforme é possível perceber na exposição a seguir:

Desde o advento da modernidade, já havia muitas questões sobre Deus. Referiam-se, porém, se assim se pode dizer, apenas à sua existência. Questões provindas da ciência ou da filosofia e que no fundo diziam respeito apenas a Deus. Agora as questões sobre Deus referem-se, no final das contas, também ao ser humano: qual é, para mim, o valor da ideia de Deus? De julgamento de existência passou-se a julgamento de valor [...]. Assim, a contestação atual de Deus é menos protesto contra Deus do que protesto a favor do ser humano. Por isso certas pessoas pensam que é preciso que Deus morra para que o ser humano seja. Por quê? Porque Deus (ou sua ideia, ou sua confissão) impede o ser humano de ser ele mesmo. Pouco importa, diz Sartre, se Deus existe ou não, nem quero saber, porque essa ideia de Deus é funesta ao ser humano, impede-o de tomar-se nas mãos, de dar a si uma história. (GESCHÉ, 2005, p. 47)

Com esse apontamento percebe-se que a desconfiança da alteridade absoluta que é Deus não se trata de um ateísmo propriamente metafísico, mas um ateísmo existencial, humanista ou antropológico dado que “não é a negação de um Deus julgado inexistente [...], mas a recusa de um Deus julgado atentatório ao ser humano” (GESCHÉ, 2005, p. 48). Reforçando tal posição, Adolphe Gesché cita ainda outros pensadores. Um deles é o filósofo fenomenólogo francês M. Merleau Ponty ao expressar que “a consciência moral (isto é, o ser humano) morre em contato com o Absoluto” (GESCHÉ, 2005, p. 48). Outro é o filósofo alemão Feuerbach, segundo o qual “ao afirmar um Deus, o ser humano despoja-se de suas próprias qualidades (poder, liberdade, bondade, saber, consciência) para emprestá-las a Deus” (GESCHÉ, 2005, p. 48). Com tais posições fica evidente que as concepções de rejeição da alteridade absoluta no fundo são reivindicações da autonomia humana compreendida como construção da pessoa por ela própria.

Diante disso, é preciso questionar se é necessária e justa tal compreensão da autonomia como pura construção de si próprio sem a consideração da dimensão de alteridade. O próprio Gesché reconhece a legitimidade de uma autonomia em que o ser humano procura sua identidade partindo de si mesmo de forma que “o famoso *Cogito* de Descartes não é indevido nem impertinente” (GESCHÉ, 2003, p. 91, grifo do autor). Por outro lado, o nosso autor não abre mão do valor da alteridade, e por isso afirma que:

O outro não é o inimigo, o intruso, o *alienus*, que efetivamente e ao pé da letra me aliena. O outro, como mostram Lévinas e Ricoeur, é exatamente aquele que, justo por sua alteridade, chama-me, convoca-me e assim me faz sair do enclausuramento em mim mesmo. (GESCHÉ, 2005, p. 49, grifo do autor)

Neste sentido, evocando os pensamentos de Lévinas e Ricoeur, Gesché fundamenta sua posição no que ele denomina filosofia da alteridade

[...] para os quais o outro não é agressor, mas fundador. Filosofias da alteridade ou filosofias da autonomia pela graça de outrem e pelo ministério do outro e que estão justamente no contrapé das filosofias existencialistas, filosofias da autonomia por si próprio, enfim, características de uma época. A da euforia dos anos do pós guerra (“os caminhos da liberdade”), da euforia das filosofias do sujeito e da existência, enfrentando _ e compreende-se o sobressalto delas quando se coloca no contexto da época _ as filosofias do objeto e da essência. (GESCHÉ, 2005, p. 49-50)

Assim nosso autor consegue situar que diante do tema da construção da identidade a autonomia não pode ser pensada num fechamento radical como assim entendiam as filosofias acima citadas: Por isso ele pontua que:

É em torno dessa questão da identidade, da construção de nossa identidade, que se trama todo o mal-entendido das filosofias existenciais. Não por ter protestado a favor da liberdade e da autonomia _ era preciso _ mas por ter pensado que estas se conquistam, [...] na solidão e na recusa. (GESCHÉ, 2005, p.50)

Percorrido esse caminho de superação da alteridade concebida como uma ameaça à autonomia humana emerge a contribuição de tal dimensão. Por isso nosso autor afirma:

A alteridade hoje, não é mais o temos ou ameaça de alteração de minha autonomia. Talvez fosse preciso, depois da era da suspeita (Freud, Marx e Nietzsche), a era que chamaria de "suspeita da suspeita" (cujas testemunhas poderiam ser Ricoeur, Lévinas, Kristeva), para que se levante o véu que descobre a benção da alteridade para salvar-nos do enclausuramento. (GESCHÉ, 2005, p. 55)

3.2. Da alienação à alteridade comprovada

Nota-se na exposição acima que, além de não ser atentatória à autonomia humana, a alteridade tem a contribuição de salvar o homem do enclausuramento. É importante nos deter nessa questão porque, segundo nosso autor, esse enclausuramento ou essa busca da identidade em viés imanentista encerra o homem numa tautologia incapaz de levá-lo à compreensão de si. Neste sentido, na linha de pensar a alteridade absoluta e associando à questão da alteridade ao tema da transcendência com a utilização do termo Terceiro Transcendente, Gesché diz:

O Terceiro faz explodir a tautologia. Arranca-me de alienação em mim mesmo, que é, talvez, ainda mais pernicioso do que alienação externa. Alienação interna, em que me precipito, afundo-me, perco-me em mim mesmo e por mim mesmo, daí então totalmente perdido. (GESCHÉ, 2005, p. 59)

Para entender que de fato a alteridade se apresenta como capaz de arrancar o homem da alienação de si próprio e não levá-lo a alienar-se, cabe uma justa distinção entre alteridade e alienação. Partindo da premissa de que a alienação se refere a um processo de desapropriação de si que torna a pessoa estranha a ela mesma, nosso autor evoca a narrativa bíblica do Gênesis 3 denominando-a como “parábola de uma falsa relação da alteridade que não respeita a identidade do outro” (GESCHÉ, 2005, p. 52). Assim, nessa narrativa em que a serpente leva Eva a um desejo que não era propriamente seu, é possível entender um processo de alienação que induz a pessoa a perder sua identidade.

Aí se encontra, talvez, toda a essência do pecado: instilar no outro o desejo que não é o dele, que não o constitui, mas o aliena, retira-o dele mesmo. Desejo contrário à sua identidade, e que o impede, assim, de tornar-se ele próprio. Então, no mesmo instante, torno-me estranho (*alienus*) a mim mesmo, por falta de uma alteridade de apelo e de comunhão. Há pecado todas as vezes que se impede alguém de tornar-se o que poderia ser ou que se impede a si próprio de tornar-se o que se poderia ser. (GESCHÉ, 2005, p. 52)

Assim como o significado de alienação é desenvolvido recorrendo à linguagem bíblica a compreensão da busca da identidade por meio do outro também pode ser elucidada por um texto bíblico, especificamente no evangelho de Mateus 16,15. Nesta ocasião Jesus pergunta aos seus discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?”. Ora, nessa pergunta Jesus não está a anunciar-se a si próprio e, de certa forma, pede àqueles que o conhecem para revelá-lo a ele mesmo. Aqui Gesché tem a intuição de que “é justo o tema do reconhecimento que está aqui em jogo: só me conheço porque sou conhecido e só sou conhecido se for reconhecido” (GESCHÉ, 2005, p. 54).

Compreendido que, longe de levar a alienação, a alteridade se apresenta como viabilizadora do conhecimento de si por meio do reconhecimento do outro, fica mais nítido ainda que a identidade pressupõe a alteridade. Tal realidade é comprovada em exemplos cotidianos que expressam que, “ser colocado por ou diante de outrem funda melhor a autonomia do que auto-colocar-se” (GESCHÉ, 2005, p. 50). Um primeiro exemplo que pode-se evocar é do campo jurídico em que, sabe-se, não é possível alguém ser o juiz de si próprio. O próprio fato do nascimento do ser humano derivar de outros expressa que “as coordenadas que determinam nossa identidade vêm-nos primeiro de

outro lugar que não de nós, elas nos são exteriores. Somos e nascemos pelo outro” (GESCHÉ, 2005, p. 51).

Outros exemplos encontram-se em ritos que servem de identificação. É o caso de um rei, que apesar de caracterizar-se como rei desde o momento da morte do pai, normalmente deverá passar por um rito de entronização feito por outro, para assim ser reconhecido e apresentado. Neste caso vemos que “o rei já o é (ordem da natureza ou da convenção), mas só *existe* após a oficialização, isto é, após o reconhecimento pelo outro (ordem da cultura ou da socialização)” (GESCHÉ, 2005, p. 55, grifos do autor). Outros ritos que expressam essa ideia são os chamados ritos de iniciação. Por exemplo, o caso do adolescente em que, apesar de já ter passado biologicamente para outra idade, exige-se “que passe culturalmente pelos ritos de simbolização e identificação, no término dos quais será reconhecido (ordem da existência)” (GESCHÉ, 2005, p. 54).

Portanto, considerando o que foi dito até aqui, percebemos que a categoria de alteridade no pensamento de Adolphe Gesché é capaz de lançar luzes no que diz respeito à importância da dimensão relacional da vida. Aliás, tal realidade é tão acentuada no autor, que este concebe a alteridade como constituinte na questão da identidade humana. Neste sentido portanto é possível superar a desconfiança do outro ante a questão da autonomia humana e concluir que “a identidade supõe alteridade, apela para a alteridade que a faça emergir, *existir*, sair do indiferenciado e do não identificado (GESCHÉ, 2005, p.51-52).

4. Considerações finais

Dentro do amplo cenário ocasionado pela pandemia, o presente artigo se deteve no contexto das consequências do isolamento social considerando que este levou não poucas pessoas a depararem-se com questões existenciais profundas. Neste processo, verifica-se que a pandemia gerou oportunidade de redescoberta do valor das relações.

Tal realidade ao longo da primeira parte do artigo foi desenvolvida a partir de diversos enfoques e autores que mostram que a pandemia trouxe lições essenciais que não podem ser negligenciadas. Assim ficou claro que a pandemia exerceu um papel pedagógico revelando os riscos de ilusões individualistas. Além disso, o fato da pandemia sensibilizar muitas pessoas quanto ao valor relacional da vida proporciona uma articulação de dimensões como alteridade e espiritualidade e possibilita ainda se pensar

em diversas dimensões de coexistencialidade, por exemplo entre sistemas religiosos diferentes ou mesmo a relação homem e natureza.

Verifica-se que a redescoberta do valor das relações é uma questão que vai além da categoria de necessidade, proveniente da privação das relações vividas na pandemia. Isso fica evidente quando o tema do valor das relações é analisado à luz do pensamento de Adolphe Gesché sobre a alteridade (segunda parte do artigo). E o motivo é que para Gesché a alteridade é fator constituinte da identidade humana, o que significa que pensar na redescoberta do valor das relações nos situa no importante debate da busca de entendimento e construção do ser humano. É por isso que nosso autor não hesita em afirmar que “[...] não há vergonha alguma em ter necessidade e desejo do outro, para sentir-se confirmado. O ser humano não foi feito para a solidão” (GESCHÉ, 2003, p. 114).

Finalmente, para que se entenda o valor da alteridade é preciso ir além de visões que a concebem negativamente julgando-a atentatória à autonomia do homem. Para isso, Adolphe Gesché mostra que o outro não é o inimigo mas aquele que, justo por sua alteridade, pode levar o homem ao conhecimento de si. Portanto sem a alteridade o homem não conseguirá se decifrar e a questão de sua identidade não lhe será inteligível. Isso é evidenciado quando, evocando o filósofo Emmanuel Levinas, Adolphe Gesché afirma:

O homem [...] é feito para mais, sem o que ele não é absolutamente nada. Lévinas acha que “é provavelmente o desconhecimento da originalidade irreduzível da alteridade e da Transcendência, e uma interpretação meramente negativa da proximidade ética e do amor, *a obstinação de dizer em termos de imanência*” que impedem o homem de se decifrar inteligível. (GESCHÉ. 2004, p. 105, grifo do autor)

Por fim, é justo que este artigo seja concluído com um último pensamento de Adolphe Gesché considerando que a redescoberta do valor das relações à luz da categoria de alteridade se torna uma questão que diz respeito à identidade humana:

É na troca que somos verdadeiramente nós mesmos, enquanto a recusa leva ao enfraquecimento e à perda de identidade. A partilha conduz à descoberta do outro, sem dúvida, mas igualmente à descoberta de nós mesmos (GESCHÉ, 2003, p. 117).

Referências

- FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* – sobre a fraternidade e a amizade social. Carta encíclica. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html> Acesso em: 09 de novembro de 2020.
- GESCHÉ, Adolphe. *O ser humano*. Trad:Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003 (Deus para pensar, v. II/7)
- _____. *O cosmo*. Trad:Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2004 (Deus para pensar, v. IV /7).
- _____. *O sentido*. Trad: Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Paulinas, 2005 (Deus para pensar, v. VII/7).
- PASSOS, J. D., *A pandemia na encíclica fratelli tutti: irmãos no planeta em crise*. In Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura. São Paulo - Ano XVI, n. 64, set-dez/2020, p. 89-96.
- RECALCATI, Massimo. A nova fraternidade. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 16 mar. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597121-a-nova-fraternidade-artigo-de-massimo-recalcati>>. Acesso em: 14 abr.2020.
- RIBEIRO, C. O. Alteridade, espiritualidade e pandemia. In *Caminhos de Diálogo - Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso*. Curitiba, ano 8, n. 13, jul./dez/2020, p. 231-248. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/caminhosdedialogo/article/view/27475>>. Acesso em: 06 abr.2020

Recebido em: 26/08/2021
Aprovado em: 30/09/2021